



1^a MOSTRA /
PICUÁ

DE CINEMA
E LITERATURA

OBRAS SELECIONADAS

A Mostra Picuí de Cinema e Literatura foi concebida para fomentar a cena audiovisual e literária em Roraima, estimulando a produção de arte, gerando emprego e renda aos trabalhadores dessas áreas e também atendendo a toda uma cadeia de serviços e produtos que giram em torno da realização de um evento artístico-cultural.

A escolha do lugar não foi à toa. O encanto das belezas naturais e da riqueza histórica do Tepequém, aliados à relação afetiva de longa data dos produtores da Mostra com a Serra e com a comunidade local, são elementos-chave para a realização deste evento que pretende ser um reservatório de preciosidades artísticas e culturais, assim como um resistente Picuí, onde os garimpeiros guardavam seus diamantes, à época do extinto garimpo.

Esta primeira edição já pode ser considerada um sucesso a partir das inscrições. Foram 87 filmes registrados, de vários estados brasileiros e 86 textos, entre prosa e poesia, de escritores residentes em Roraima. Desse total, 16 filmes e 20 textos foram pré-selecionados para o evento, os quais você pode conhecer nesta publicação. São trabalhos artísticos tocantes, retrato das mazelas e belezas do nosso tempo.

A realização desta 1ª Mostra Picuí é da Makunaima Soluções em Turismo, que aposta e participa ativamente do fomento à economia criativa da cultura e do turismo na região desde o princípio dos planos e ações de desenvolvimento sustentável da Serra do Tepequém. Tem com parceira a embrionária Escola de Cinema e Comunicação da Amazônia – ECCA, que visa ampliar os espaços de formação e fruição artística em Roraima.

A Mostra Picuí é patrocinada pelo Estado Brasileiro, por meio da Lei Aldir Blanc, criada para fomentar a cadeia produtiva da cultura no contexto da Pandemia de Covid-19, a partir de uma ampla mobilização dos segmentos artístico-culturais junto ao Congresso Nacional e Governo Federal. Em Roraima a Lei Aldir Blanc é executada pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Cultura.

Outros três parceiros fundamentais para a realização da Mostra Picuí são : Sesc, Sebrae e Perin Casa & Construção. Marcas com credibilidade em Roraima e que já mantêm relações profundas com a região, pautadas pelo compromisso com o desenvolvimento do Tepequém.

Somos gratos à Comunidade do Tepequém por receber a Mostra Picuí com tanto carinho e confiança, aos artistas pelo seu trabalho e por nos confiarem suas obras e à equipe técnica que está há 1 ano engajada na realização deste evento. Torcemos para que o público se sinta agraciado e instigado pelos filmes, textos e performances apresentados nesta primeira de muitas edições que pretendemos realizar.

Hélio Zanona | Thiago Briglia

Coordenadores da Mostra

COMISSÃO ORGANIZADORA

Hélio Zanona Neto

Coordenador Geral

Thiago Briglia

Idealizador e Produtor Executivo

Vanessa Brandão

Curadora de Literatura e Jornalista

Frederico Martins

Curador de Cinema e Publicitário

Jordana de Souza Cavalcante

Coordenadora de Programação

Alessiane Tobias dos Santos

Coordenadora de Logística

Francisco Diniz de Oliveira

Logística

Angelita Vogel

Logística

Karyne Gonzales

Social Mídia

Polly Silva

Social Mídia

Bruna Castro

Designer

Stephanie Vieira

Produtora Audiovisual

Fabício Marinho Viana de Souza

Videomaker e Fotógrafo

Jesus Cova

Fotógrafo e Cinegrafista



MOSTRA
PICUÁ
DE CINEMA
E LITERATURA

HOMENAGEM

FRANCISCO GALVÃO



Francisco de Souza Galvão ficou conhecido na comunidade somente por seu sobrenome, Galvão. Nascido na pequena cidade de Gonçalves Dias, no Maranhão, Galvão veio para Roraima em 1993, a convite do seu irmão Paquinha. Atraídos pelo garimpo na Serra do Tepequém, ele e seus dois irmãos viveram da extração do minério por pouco tempo. A busca de uma vida melhor por meio dos diamantes foi logo interrompida com o fim das atividades de garimpo. Galvão passou a trabalhar no Departamento de Estradas de Rodagem de Roraima por alguns anos, mas logo fora convidado a trabalhar na recém inaugurada Estância Ecológica do Tepequém.

No Tepequém constituiu família, se casando com uma conterrânea, e com ela viveu por 20 anos. Não teve filhos biológicos, mas ajudou a criar os filhos de sua esposa e teve 8 amáveis netos. Os anos foram se passando e a vontade de ir embora do Tepequém nunca existiu, Galvão achava que a serra era um paraíso e aqui iria passar toda sua vida. Na Estância Ecológica do SESC se tornou o funcionário mais antigo, atuando como artífice de manutenção por 17 anos. Homem de habilidades manuais, ficou conhecido como pioneiro no artesanato com pedra sabão. No tempo livre, dividia-se entre tomar uma cerveja e escutar as antigas músicas nordestina. Sua ligação com a arte não era somente como um apreciador, Galvão sempre tivera o dom a escrita e era comum vê-lo com um lápis e caderno nas mãos. Inspirado nos repentes nordestinos, Galvão escrevia poemas sobre diferentes temas, escrevia para amigos, familiares, em datas comemorativas, sobre sua vida, suas alegrias e também suas tristezas.

Em janeiro de 2021, aos 53 anos, Francisco Galvão nos deixou. Sua arte, cheia de nordeste, mas autenticamente nortista permanecerá viva na Serra do Tepequém, o paraíso que ele escolheu viver e foi também sua maior inspiração.

HOMENAGEM

POEMA SEM TÍTULO

FRANCISCO GALVÃO

Com a proteção de Deus
E sua santa benção
Com o papel a caneta
Escrevo sobre união
Mais não esqueça também
Do Santo do Tepequém
Que é São Sebastião

Quando vim do Maranhão
Eu fui um aventureiro
Trabalhei por muito tempo
Na vida de garimpeiro
Eu quase me arrebento
Era grande o sofrimento
E pouco era o dinheiro

Mas eu não estou aqui
Para fazer reclamação
É para falar de paz
E confraternização
E atodos que estão presentes
Que guardem sempre na mente
O valor da união

Aqui vou agradecer
A todos que estão presentes
Especialmente o professor
Diretor e o presidente
E Deus que me deu a mão
Pois sinto a satisfação
De todos que estão presentes

HOMENAGEM

POEMA SEM TÍTULO

FRANCISCO GALVÃO

Nunca pensei na velhice
Mas a demanda chegou
E seu fantasma me disse
Que o tempo bom se acabou
E o mesmo tempo cizudo
Me quis despojar de tudo
Desmontando meus planos
Para meu maior pesadelo
Jesus pintou meus cabelos
Com tinta branca dos anos

O tempo passa veloz
Deixando tudo em desgraça
E nós nem pensando em nós
Tão veloz o tempo passa
Eu mesmo em mim só pensei
Depois que velho fiquei
Pensando em mil desenganos
Já não represento nada
Tendo a cabeça pintada
Com tinta branca dos anos

Tudo na vida acaba
E a mocidade também
E a juventude desaba
Quando a caduquice vem
Sinto que a morte me afronta
E minha consciência conta
O meu tempo entre os humanos
E vejo meus dias contados
Com meus cabelos pintados
Com tinta branca dos anos

HOMENAGEM

A tinta que o tempo bota
Sobre a cabeça da gente
É duma que não desbota
Permanece eternamente
Tem gente que compra tinta
Mete na cabeça e pinta
Só pra nos causar engano
Mas é beiteira do povo
Depois sai cabelo novo
Com tinta branca dos anos

SUMÁRIO

POESIA

- 01 MEDOS, MOSTROS E LAMA
EDGAR BORGES
- 02 PARA NARA (...)
ELISA COIMBRA
- 04 DO DESEJO
INARA NASCIMENTO
- 05 O RIO DAS TRISTEZAS
JOSEANI VIEIRA
- 07 A LAGOA DO PÁSSARO
LILIAN REZENDE CHAVES TEIXEIRA
- 09 NÃO ME DISSERAM QUE EU PODIA SER POETA
NARA NASCO
- 10 O AVIÃO ADENTRA
NETO FREITAS
- 12 AFRICANUA
ROSIDELMA FRAGA
- 13 MAKUXI
VITOR HUGO VIEIRA
- 14 ABAYOMI
ZANNY ADAIRALBA

SUMÁRIO

PROSA

- 16** UM DIA DE ABELHA
BRUNO FRANQUES
- 17** AMOR CIGANO
CORAÇÃO DE SÊMICA
- 19** LIVRO DE AMOR
EDGAR BORGES
- 21** O HOMEM DE PEDRA
FLÁVIO A. V. DOURADO
- 23** PÉ D'ÁGUA
GABRIEL ALENCAR
- 25** PANDÊMICOS
KÉZIA LIMA
- 27** A SOCIEDADE DAS ROSAS
RAFAH BLACK
- 29** TONINHO
SÂMIA KAPON
- 31** O APÓCRIFO DE ADÃO
VÍTOR PLÁCIDO
- 33** BANHO DE CHUVA, INCERTEZAS
E CHOCOLATE QUENTE
ZANNY ADAIRALBA

SUMÁRIO

CINEMA

35 NA TERRA DOS INGARIKÓS
ALEJANDRO TUBAL GARCIA & LUCIANO N. NAKA

36 UMA FORÇA EXTRAORDINÁRIA
AMANDINE GOISBAULT

37 ADEUS, QUERIDO MANDI
BRUNO VILLELA

38 APNEIA
CAROL SAKURA & WALKIR FERNANDES

39 MIKE
CLÁUDIO LAVÔR

40 BALIZANDO 2 DE JULHO
FABÍOLA AQUINO E MARCIO LIMA

41 RETRATO DO ARTISTA QUANDO COISA
FILIPI SILVEIRA E LARISSA NEVES

42 SEREMOS OUVIDAS
LARISSA NEPOMUCENO

43 CONSTRUÇÃO
LEONARDO DA ROSA

44 SAUDADES MINHAS
LEVI MATOS

SUMÁRIO

CINEMA

45 TRÊS GRAÇAS
LUANA LAUX

46 SER FELIZ NO VÃO
LUCAS H. ROSSI DOS SANTOS

47 AVÔA
LUCAS MENDES

48 EIS A MORTE
PABLO FELIPPE

49 HISTÓRIA DE MARIAS
PATRÍCIA TORRES

MEDOS, MONSTROS E LAMA

EDGAR BORGES

Tanto há nas entrelinhas da vida
Que elas decidiram parar de nos proteger
E hoje todo medo do medo de ter medo
É público, voraz, terrível, cinzento

Monstros saíram da cama, da sala, da tela
E deitaram, riram e compartilharam-se com outros
Cresceram e se multiplicaram
Cresceram e odiaram como nunca
Pois era preciso odiar tudo isso aí
Que estava acabando com a sua felicidade

Da minha janela vejo uma rua solitária
Da minha janela ouço os gritos, os ais, as risadas
É um palco enorme e o show é de horror
Vomito um pouco e continuo
É o que temos para hoje e alguns anos

Por mais que tente, por mais que me esconda
Presencio, sinto, ouço, engulo e sinto a sede
Uns insistem em manter-se erguidos
Contrariando o que se espera deles
Outros cabisbaixos, olhos molhados
Tentam apenas não afundar
Esperando inocentes ou imobilizados
Que a lama que cobre o rio
Não nos veja, não nos beije
E não nos deixe aqui afogados.

**PARA NARA, EVELLY, JULHY, ELANE, JEANE,
DAY, SONY, TAYNÁ, BÁRBARA, NATASHA,
MARIA, GABI, MEYRE, NEUSA HELENA, ÁGDA,
GEORGINA, SÂMIA, ANA, MAYARA, JULIETH,
VANESSA, ELI, JACQUE, ZANNY, LETÍCIA, TÊ,
RAESCLA, NATY, TATIANA, KAROL, BIA, LUCY,
ADRI, GÊNOVA, FRANCISCA, CARLA PRÍSCI-
LA, GENI, SILMARA, KALINE, CATARINA,
HUMBERTIZA, MAHANDA, DENISE, CLARISSE,
VERÔNICA, RAISSA, CÉU, ANIELI, ÉRIKA,
ODARA, SARA, JÚLIA, MARTA, DÉBORA, LAR-
ISSA, GORETE, FABIANA, ALINE, ISA, CLAR-
ISSA, JULIENE, ELIZA, ROSIDELMA, KAREN,
PALOMA, FABÍOLA, LEIDIANY, JANE, CAIRÚ,
BÉA, BRENDA, SULA, PAULA, KÉZIA, MIRIAM,
KATHARINE**

ELISA COIMBRA

quero lavar calcinha a teu lado, combinar cachú,
momento candura de mamilo imenso
mesa cheia de comida
imagina
não ver força apenas na dor
e ser pelo riso nossa primeira referência
por esses caminhos de elipses terrenas
imagina
trocar meme via direct, dizer bom dia e aí
anteontem senti saudade quero uma muda de renca de dinheiro
ficar entediade
hoje eu não aguento desisto de tudo ish

perguntar se já comeu se já está um pouco menos triste
imagina
ficar a esmo ouvir apelos dizer que não sem ofensa
um dia no bar sujo e sua memória de
chegar em casa bêbadas, limpar o vômito,
estar lá, segurando o cabelo enquanto a outra exorciza demônios básicos
diários de quem tem buceta, e também des que não têm
na latrina do vaso imagina
no final do dia não importa a hora
você dá descarga
se lava amanhã de manhã vai querer arrebentar num abraço
e confere se agora está numa posição confortável as tuas heroínas,
esses atravessamentos do teu dia a dia

DO DESEJO.

INARA NASCIMENTO

desejo surge de pé descalço no chão. faz inteireza nos pés.
vai subindo pela batata da perna e balança as folhas da samaumeira.

desejo sobe o corpo, cai no pote de encantarias de Haryporia.
o pote de encantarias tem pussangas novas, pussangas de faz tempo. tem magia entocada, esperano seu momento.

se enlaça pela cintura igual quando mão e braço se enroscam em agarramento.
lembra disso, de agarramento?
aquele agarramento faceiro, que faz correr sangue quente pelo corpo, aquele enlaçamento que dá um siricutico veloz passando pela coluna e que se aloja no cangote à espera de um cheiro.

pois é desse jeito que o desejo vai subindo pela barriga, pelas costas, brincando de entrinhas dentro fora dentro fora.
desejo é brincante!
ao percorrer a barriga, faz cosquinhas que tiram risos na boca!
pelas costas, arrepios que chamam mão passeante.

os desejos sobem pra garganta, na certeza de uma elaboração que vira palavra.
saí palavras
elaborações do agora, de hoje, do sentido.
elaborações grito, elaborações insurgência
elaborações escuta, elaborações silêncio

.
desfaz o nó da garganta
abre a boca e libera o maxilar acirrado pelo perigo.
perigo é não sentir.
perigo é anestésiar.
perigo é se ausentar.

libera canais, sobe pela garganta e vira beijo.

.
respirei eu, fundo. de desejo.

O RIO DAS TRISTEZAS

JOSEANI VIEIRA

No leito do rio Aquerontes,
O barqueiro dos mortos embarca as almas recém chegadas.
As lágrimas dos que ficam alimentam esse rio que nunca seca.
Segue caudaloso e perene como se fosse um rio de vida,
Um rio doce, um rio qualquer...
Sofre o barqueiro por sua triste missão...
Nunca vira tamanha profusão de almas!

Caronte rema num tristonho ritmo.
Sua missão é aquela: levar as almas pelo rio das viagens sem volta
E nada sentir, nada falar, nem ao menos pensar...
Mas não deixou de observar por entre o capuz da túnica lúgubre
Que aquelas almas não tiveram honras, nem foram purificadas,
Não houve cortejo, não houve velório...
Vinham sem nenhum preparo,
Sem moedas na boca, seu óbolo tão precioso...
Chegavam assim, indefesas e impuras ao submundo de Hades.

Quanta lamúria! Quanta tristeza! Quanta saudade!
Carontes transporta todas da mesma maneira...
As desesperançadas, as altivas,
as das mães que gritam em desespero pelo abandono dos filhos.
As dos filhos que não se perdoam por terem deixado seus pais.
Umam arrastam as correntes da riqueza, outras espelham a face da miséria!

CONTINUA NA PRÓXIMA PAGINA

Tácito ele transporta a dor dos aflitos e dos conformados.
A dor dos doutores e dos subalternos.
Dos pobres, dos ricos, dos sábios e dos ignorantes
E a pior de todas as dores - a mesma que ele carrega -
A dor de não se sentir ninguém!
Há em sua face um riso de escárnio.
Afinal, agora são todas irmãs!
Nenhuma conseguiu terminar a tarefa de viver!
Parecia haver tanto amanhã!

Dentro do barco em Aquerontes todas as almas se igualam.
Partem sem levar nada do que tinham
Serão julgadas, imparcialmente,
Por aquilo que fizeram e foram enquanto havia vida em seus corpos.
Do outro lado do rio Hades e Cérbero,
sem nenhuma compaixão, estão prontos para recebê-las!

A LAGOA DO PÁSSARO

LILIAN REZENDE CHAVES TEIXEIRA

O cheiro desperta e desnuda as raízes que são transformadas em mãos.
Minha terra é vasta, dura e forte. E ainda assim ela se torna generosa, quente.
Nasço! Nasço e meus olhos germinam deslumbrados pelas cores, pelas fragrâncias
impregnadas em minha terra magra e exuberante.
Sinto que ele me convida para a liberdade, convida-me a respirar sua maravilhosa bon-
dade.
Escalo ascendente até fora e ingenuamente corro, danço e sonho enquanto meu corpo
experimenta profunda liberdade.
Male'iwa me acolhe em seus braços de pai e me deixo levar pela certeza do tempo
perfeito.
Mas repentinamente seus braços soltam a realidade inevitável.
.....
O mundo lá fora caiu, agitando tudo por dentro;
e eu não posso vê-lo na terra, não posso detalhar suas formas geográficas,
não vejo o mar através de seus olhos celestes.
Só uma mancha na escuridão, ouço as vozes da fome...
As mãos empunhadas e o desequilíbrio se refletem na mirada.
Você se esconde para assistir como eles o despedaçam e você se fragmenta a cada
pedrada,
O que pretendem? Quanto mais eles podem nos atropelar?
O medo me assombra impiedosamente e sussurros cúmplices se tornam ressentimen-
tos.
Com mãos no rosto, permito que o espanto escorregue perplexo e incauto...
E fecho os lábios com meus dedos...
somos prejudicados por irmãos cegos pela raiva.
Minha imaginação não para, torna-se imparável como meus pensamentos,
Fujo para esconder-me na flor e naquele pedacinho de solo deixado por eles.
.....

CONTINUA NA PRÓXIMA PAGINA

Amanhece na lagoa do pássaro e me defende um braço, uma voz de alto nome Já'yaliyuu
Ele nasceu sem laços na garganta e olhando para o céu livremente em face da escuridão,
novamente Male'iwa nos sorri vendo-nos do paraíso.

Andou e lutou sem sentir-se ferido de motivos,
Estava tudo acabado e acordamos sentindo que nada vai nos machucar.

Ele tornou-se surdo, frente à mentira infame da discriminação;
Fé e coração foram suficientes para que subisse ao conhecimento,
Seu chapéu limpo de pensamentos libertou-nos de limitações e
Corremos para a costa mágica da liberdade.

Meu coração gruda em seu espírito e o choro desaparece...!

Agora só queremos liberdade, queremos a verdade desenhando nossa magnânima geografia.

Acordo limpo para viver como no início,
Sabendo sobre minhas pegadas a tempo,
em um espaço congelado no tempo.

Você mudou tudo Nemesio,
as vozes ficaram em silêncio com sua verdade;
os gritos não voltaram,
o ar foi limpo com a clareza de suas palavras.

(Em memória de Nemesio Montiel)

NÃO ME DISSERAM QUE EU PODIA SER POETA

NARA NASCO

Aos meus quatro, cinco anos, não sei
Me perguntavam “o que você quer ser quando crescer?”
Apenas dizia que queria
Remendar as asas dos passarinhos
Que caem afoitos de seus ninhos
Na primeira tentativa de voar.
“Veterinária!” Me diziam.
Aos sete, oito, não sei
Colecionava insetos do quintal
De todas as cores que eu inventava pra eles:
cor-de-dor-de-barriga,
pôr-do-sol enferrujado,
e aos vagalumes: cor de pisca-pisca de natal.
“Vai ser bióloga!”
Já me quiseram publicitária médica jornalista empresária do ramo alimentício
Aos vinte e tantos, me tornei colecionadora profissional de dúvidas e ofícios
Por que será que eu nasci aqui
Se eu quero tanto ir pra longe?
Se eu tivesse nascido lá
Será qu’eu ia querer vir pra cá?
Por que é que quando a gente morre
Tem que se arrumar, se já é defunto?
São questões assim — de duvidosa importância -
As quais me pergunto
Desde meus nove, dez anos, não sei
Parada em frente à janela, que já não é a mesma
Vendo o tio do uniforme cor de céu de verão
passar com a sacola de pão
Todo-santo-dia
O mesmo uniforme, a mesma cara fria
Cor de eu-estou-tão-cansado-desta-vida
Hoje faço das palavras meu pão de cada dia
Não pagam aluguel, nem os cigarros
Por isso os outros ofícios
Mas as escrevo em papel, amasso, depois as como e — satisfeita -As regurgito.

O AVIÃO ADENTRA

NETO FREITAS

O avião adentra
& mata
[assassinada]

chuva de mercúrio
água contaminada
lama
ouro
[mata]

contemple os rios de sangue e o som das máquinas pesadas

por ouro
outro
mata outro
[Yanomami]

grita a chama ancestral que se alastra pela floresta de metal

meta contaminação
metas destruição
Meta[is]
 Meta[is]
 Meta[is]

chuva de mercúrio
água envenenada
ouro
[mata]

a paisagem é um cenário de guerra
[vazio]
o exército diz que destruiu
[?]

a notícia se veste com a farda do serviço
enquanto outra
mata
se transforma em ruínas de veneno

os gritos são dos rios de sangue
e dos povos morrendo

sigo portando
minh'alma migratória
navegando vou
numa canoa de memórias

no peito
a bala cravada
jorrando coágulos de história.

AFRICANUA

ROSIDELMA FRAGA

2021 é o silêncio do incerto
do relógio velho na parede,
da flauta doce de teus passos,
do antídoto para a letalidade.
A sala parece muda e inexata...
A poesia não veste a máscara
E já não suga o vírus do ódio...
A poesia em mim absorve a voz
de teu sangue afro que geme de sede.
2021 é a dor da pós-live, liberta
do poema que ainda não é poesia.
A poesia pede passagem para a cura
de tuas pandemias e vive em tua negritude.
O que tenho eu para falar em versos?
Tenho o lápis cor de pele: nigérrimo!
Afinal, os papéis se isolam de rascunho.
Rascunharei teu destino em minhas veias...
Porque o amor é libertação de escravos!
O amor é o Deus Negro e Verdadeiro,
que tudo move
que tudo solta
que tudo cura,
e tudo faz, aqui e agora.
O amor divino não pode ter algemas
e já não suporta não ser amado.
O meu amor é liberdade africana.
Meu amor é dança sem açoites!
É o sorriso da musa negra que seduz.
Vem meu amado, daremos as mãos
ao Cristo nu e humano que mora em nós!
Ele move todas as pedras e faz nascer
o antídoto para o vírus letal do não-amor.

MAKUXI

VICTOR HUGO VIEIRA

Agradeço ao sol que mostra o vermelho da minha pele
Colore o lavrado de dourado e ilumina nosso céu multicolor
E me lembra que ouro também tem outra cor

Agradeço a terra que mostra que o destino de tudo é o pó
Que metal nenhum significa riqueza
E lembra que a maior das rochas tem suas fraquezas

Agradeço a água que mostra que a calmaria também esconde seus perigos
Que toda ação tem sua consequência
E lembra que a menor das correntezas dilacera montanhas apenas com paciência

Agradeço a todo aprendizado conquistado insistindo
Que me faz lembrar que as paisagens do caminho
São mais importantes que o destino

Com palavras de dor e amor suplico
A todo braço forte que me sustente
Que a terra onde meu sangue vive

Possa alimentar minha carne e espírito
E que todo caimbé no chão enraizado
Amarre minha vida ao pó do lavrado

ABAYOMI

ZANNY ADAIRALBA

Segue o navio negreiro vindo de terras distantes
Na voraz boca do infame por gritos agonizantes
Correntes, tiro, chibatadas anunciam a escravidão
Corpos nus, homens, mulheres empilhados pelo chão

Arrancados de seus mundos, viram sangrento viver
E a sorte antes tão clara jogou-se ao mar. Quis morrer
De madeira, o carcereiro, corta lento a imensidão
Enquanto há dor, sede e fome no escuro e imundo porão

Dia e noite, noite e dia. Já nem se pôde contar
As horas que a vida havia roubado do libertar
Dia e noite, noite e dia. Já nem se pôde saber
Para onde iriam. Onde iriam, no fel do sobreviver?

É madrugada chegando, fino fio mudo a surgir
Enquanto crianças choram de pavor do que há por vir
E no porão, lá no fundo, quem viveu pôde escutar
Africanas mães aflitas em seu canto iorubá:

“Abayomi, Abayomi
Vem acalmar a face do meu filho
Abayomi, iêoo ... Abayomi
Traz o luar, afasta o tombadilho”

E ao som de águas tão frias, antes do amanhecer
Na mortalha travessia no afã de sobreviver
Elas cantam enquanto tecem bonecas Abayomi
Feitas de barra das saias pouco antes de dormir

Ofertadas a seus filhos, cabem na palma da mão
É acalanto e esperança. É olhar de gratidão
Ligeiro escondem as bonecas nos cabelos carapinhos
Das crianças que embalam"- Não se sentirão sozinhos!"

E ao descer do navio, sobrevivido o inferno
Capatazes e jagunços roubam o abraço materno
Correntes, tiro, chibatadas... Continua a escravidão
Enquanto há dor, sede e fome. Senzala é um novo porão

É madrugada chegando, fino fio mudo a soprar
No pensamento as lembranças do canto iorubá:

"Abayomi, Abayomi
Vem acalmar a face do meu filho
Abayomi, iêoo ... Abayomi
Traz o luar, afasta o tombadilho"

UM DIA DE ABELHA

BRUNO FRANQUES

Outro dia acordei abelha. Foi algo indescritível porque tive a sensação de ter sido larva dentro de um hexágono, ao lado de outras irmãzinhas que também lutavam para chegar à vida. Sabedor de que o leitor tem ciência de que abelha não escreve, teria que antes de mais nada justificar minha abelhuda experiência. No entanto, lamento que o deixarei desamparado porque não poderia identificar se o que vivi fora um sonho, uma projeção provocada em uma sessão de ayahuasca ou uma lembrança retomada de vidas passadas – ou ainda, um presságio do futuro. Seja como for, eu abelha estava nascendo, deslumbrado com o milagre da vida, ainda sem entender ou conseguir elaborar a experiência que vivia. Assim que pude, voei. Minhas asinhas ainda úmidas não aguentariam explorações longas, então fiz uma primeira experiência em um voo inaugural de alguns centímetros de diâmetro no entorno de meu berço da colmeia.

Estava tão feliz, em êxtase, comemorando a existência, que não me dei conta de que todas as outras abelhas estavam mortas. Executei rapidamente meus voos experimentais e logo saí sem rumo, zumbizando e bailando no ar. Fora apenas quando não saberia mais o caminho de volta que percebi que estava só. Mas no mesmo instante avistei uma flor linda, multicolorida e não tive dúvida, esqueci-me de tudo e mergulhei em sua cavidade, cheio de desejo. Quase não consegui sair de tão atordoado que fiquei. Como uma coisa tão linda e bela, tão vital e fenomenal havia me entorpecido a esse ponto? Não tinha como saber dos agrotóxicos que mataram minhas irmãs e todas as abelhas do mundo. Vaguei sem direção buscando uma flor que não tivesse cheiro de enjoio. Até que enfim encontrei a flor da minha vida. Um lindo cravo de plástico na vitrine de uma loja de produtos eletrônicos. Resolvi fazer lá minha morada e entre as luzes artificiais adormeci para nunca mais acordar.

“Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. Sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais não haverá raça humana”.

Albert Einstein

AMOR CIGANO

CORAÇÃO DE SÊMICA

Amore mio,
Esta é uma memória in vitro.
Dear Nan,

Sinto falta do seu cheiro e o fecho da barba que existe entre os lábios e o queixo. Dos olhares serenos que emanam segredos e a doçura que se reverbera junto ao timbre e os sonetos que se musicalizam diante das verdades que o abrigam o peito.

Sei que nossos momentos de efusão construíram-se aqui. Étrange mélange, mour chéri. Uma adrenalina magma, como se fôssemos fogo e terra. Flamejando-nos pouco a pouco, simbioticamente, lavrando o nosso próprio lavrado de recíprocas e carícias camufladas com doses damoridas de mistérios amazônicos. Uma linha tênue entre o mutável e o metafísico, ragazzo.

Nossos caminhos se cruzaram, como dois amores em Verona, com uma pitada de “Je ne sais quoi” e heresia. Como almas que se embalam em um redário de emoções, mas que não pretendem se “enredar”. Afinal, almas ciganas são assim: Constantes no sentir e difíceis de firmar cais.

Lembro-me sobre o fito dos diálogos aconchegantes que perfizemos durante os verões trópicos. As confissões, conexões e transformações. O quão forte fora a sua paixão pelo Norte. Sobretudo, o apreço pela simplicidade e a energia que se fertiliza nas raízes de minha terra Natal.

Sinto a ausência de estar em seu afago e divido-me entre às léguas e o carinho que nos conecta. Ora, tu estás entre Caraíva e Trancoso, na terra dos mistérios e das liturgias. Outrora, pé na estrada entre Uruguai e Curitiba, reconectando-se aos seus sonhos pianos. Velejando entre os destinos e os mundos que te cruzam. Na verdade, o nosso caminho fermentou-se por fonte do acaso.

Lembrar de você é como uma daquelas noites luar em que o solo é neblina e o céu, estelar. Tu me dissestes que subindo a serra, os insights que se escondem no íngreme da sua alma, aparecem entre as cartas. As respostas são emblemas de la vie, sorellino. Visões de cachoeiras cristalinas são as nascentes da mata. Certa vez, os pássaros chegaram a mim narrando que os destinos mostram-se através de experiências e espíritos magnéticos como os nossos e certamente, o cartear, não comete equívocos.

Memorizar-te é saber que você chegou e foi-se ribeirinho. Como muitos que das águas nórdicas vieram purificar-se. Viajando abordo de uma kuriaru, chegastes. Cruzando o Sudeste, o Nordeste, adentrando do Pará à selva Manauara, até pousar na terra de Macunaíma. Um pouco eremita, um tanto nômade 'quitano'.

Quando se fora, deixara pedaços de ti: Livros, documentos e principalmente, parte de si inside me. Seu retorno foi passageiro. But after trekking the mountain again, you've changed. Everything has changed. Ou somente, Metamorfoseou-se.

Soube da sua partida, dois dias antes de partires. Foi um revival único e efêmero. Sem rota e nem destino. Você seguiu cigano.

'Abrimos la puerta quien quiera lugar que pase, que pase'. Foi nosso lema, gajo.

Nos noticiários, nos meios cibernéticos e dos radares. Tornamo-nos fuligem.

Do alto dos nossos acidentes geográficos interpessoais, digo. Vejo-nos, flutuando entre o caos pandêmico e a realidade do mundo moderno fatídico. Entre as obrigações e o tempo que nos levam diariamente à busca de uma nova aventura vertigem.

Os corações andam líquidos, como as águas que cruzam os rios. Assim como respirar tornou-se um desafio.

Ontem você foi uma memória tepequem. Hoje, estamos sempre vivos em alguém. Pois há um princípio de magia entre os obstáculos do coração.

Às lembranças em vitro,

são agora estórias e mitos que se oralizam na nossa própria narrativa.

Nan, os trópicos nos guardam e outras vivências brandas esperam-nos.

Roraima é a terra que desfez teus moinhos, mudou nossos ventos e moldou os caminhos.

LIVRO DE AMOR

EDGAR BORGES

Pedacinho por pedacinho, Adélia vai colando e costurando o seu livro artesanal. A capa está ficando linda, do jeito que ela gosta. Trabalhos assim são sua paixão. Do jeito que o João era também. Tão educado e sorridente, sempre presenteando-a com doces à tarde e chopes à noite. Como não se encantar?

Adélia analisa o livro. Vai ficar lindo na coleção, mais uma obra feita com intensidade. Às vezes, relembra, João a surpreendia chegando um pouco mais cedo na biblioteca onde ela trabalha. Sempre com alguma coisa boa para que ela se deliciasse. Ah, João, sempre um amor.

Aqui tem que acertar. Este pedaço não ajustou bem e isso deixa tudo feio — analisa. Adélia é perfeccionista com seus livros artesanais.

Relembra das saídas para conversar, rir, beber, fazer amor de madrugada. De ressacas felizes toda manhã. Como não se encantar com João? Ai, João...

Mais umas colagens e costuras na capa e ficará tudo do jeito que ela gosta. Vai na estante para checar os livros já feitos. Ainda estão bem conservados. Fez todas com capricho.

Gostava tanto de João que chegou a sonhar ficarem juntos para sempre. Seria bom viver a vida em festa com alguém que a fizesse sorrir a todo momento. Livros, paixão, comida e bebida. Que mais poderia pedir?

A capa está quase boa, quase pronta. Trabalhos feitos com couro fino requerem mais atenção. Mas ela está acostumada, conhece as técnicas. Seu pai era dono de curtume. Sua mãe, costureira.

O que mesmo ela foi fazer naquela tarde por aquelas bandas da cidade, tão fora de sua rota comum? Visitar uma escola, comprar livros novos? Não lembra e não importa mais, reflete, costurando mais um pedaço de couro.

Adélia só lembra que ao passar em frente a uma cafeteria, viu João com uma moça, mãos juntas, ela sorrindo enquanto ele jogava frases em seu ouvido. Os acompanhou de longe quando saíram, chorou quando entraram em uma pousada na segunda esquina.

A lembrança faz com que lágrimas caiam na capa. Mesmo soluçando, continua a costurar. Há de ficar bonito meu livro, do jeito que era bonita a vida com João, pensa a bibliotecária.

Vigiando o namorado, confirmou que a cada dois dias ele encontrava a moça e iam para a pousada. Depois, o via chegar na biblioteca, esperando-a sair para passearem como se

não houvesse ninguém mais no mundo.

Há duas noites, relembra, beberam como sempre e ela lhe disse que não dormiriam juntos. Estou cansada, amanhã é feriado, mas vou aproveitar para organizar umas coleções novas que chegaram na biblioteca, explicou Adélia, oferecendo-lhe um último drink como recompensa. Este é especial. Vai te ajudar a dormir — disse.

À caminho de casa, João desmaiou na calçada. Um carro parou ao seu lado, alguém desceu e o colocou no porta-malas. A próxima parada foi numa chácara nos arredores da cidade.

Quando acordou, João viu tiras de pele em uma corda bem à sua frente, sentiu moscas beijando o seu rosto, ficou asfixiado pelo cheiro forte do curtume e tentou gritar ao perceber que estava amarrado a um poste de madeira. Os panos em sua boca atrapalharam a tentativa.

Restou-lhe apenas gemer e chorar como criança a cada novo corte que recebia, vendo sua pele ser arrancada de forma lenta e cuidadosa, deixando-o em carne viva, sentindo a fome no olhar dos cachorros do curtume e novas moscas pousando em seu corpo já desfigurado. Talvez agradeceu quando ficou inconsciente.

Adélia termina de costurar o último pedaço da capa. Olha para ele e sorri, ao lembrar que era da parte do corpo de João que mais gostava de beijar. Boas memórias, pensa a bibliotecária, bons tempos de felicidade.

— Ai, João, no final tu eras que nem os outros — lamenta, enquanto coloca na estante o resultado de seu trabalho, agora já com o nome de seu ex-amor na capa. Ao lado do novo livro, outros três com nomes de antigas paixões também ocupam a prateleira.

Após beber chá, Adélia vai dormir contente. Lembrou que amanhã vai receber na biblioteca alunos do jardim da infância para uma sessão especial de contação de histórias.

O HOMEM DE PEDRA

FLÁVIO A. V. DOURADO

Em um ponto ermo das florestas virgens que circundam a metrópole de Manaus, conhecido apenas pelos mais aventureiros e destemidos caboclos mateiros, há um enigmático monólito negro cujas bordas, de forma ilusória, se desvanecem nas sombras das árvores mais altas, desaparecendo por completo a depender da posição do Astro Rei no céu. Embora eu pudesse me ater a descrições parnasianas do monumento geológico, basta dizer que, além de rijo e imóvel como todas as pedras, falta miolo em seu interior.

E de dentro do oco escapam batuques ignotos, graves e ressonantes como um atabaque. Bramidos, gargarejos e toda sorte de sons guturais são somados à balbúrdia, compondo uma verdadeira toada selvática que ecoa pelos confins da Amazônia. Matutos que por ali caminham, perdidos das trilhas e clareiras abertas a facão, afirmam categoricamente: um ser habita o núcleo do rochedo.

Não se trata de delírio ou dessaber! Essas qualidades são atribuídas ao imaginário popular de maneira leviana. Um encantado deveras faz morada ali, enclausurado por paredes indobráveis. Não há gente viva na Terra que saiba seu verdadeiro nome. Muitos o chamam apenas de "Homem da Pedra".

Ele vocifera e martela com os punhos desse jeito porque sofre de fastio. Morar dentro de uma pedra pode ser bem chato, convenhamos.

Porém, tarde da noite, quando a luz branca da Lua encontra a face lisa do pedregulho e forma um portal luminoso, a criatura mística tem sua fuga possibilitada. Com uma pele falsa, roubada de outrem, se traveste de zé-ninguém e perambula o matagal promovendo algazaras com os bichos, colhendo coquinhos e castanhas, e se esparramando em igarapés. Relatos cuidam de contar que o Homem da Pedra tem por volta de sete peles diferentes. É preto, é índio. É alto, é baixo. Troca de aspecto sempre que pode para despistar os curiosos.

Certa vez, um comerciante ilegal de aves silvestres, numa insana corrida para capturar um sanhaço fujão, findou encontrando o local de origem da entidade e não resistiu à vontade de espiar por entre as brechas da pedra. Pobre cristão... sua mente pequenina colapsou diante do feitio original do ente mágico. Até hoje se embala na varanda de um sanatório, repetindo sussurros

Fora o fato de amaldiçoar com a insanidade quem lhe vê desnudo, o Homem da Pedra é um espírito rústico que aprecia o verde das folhas e a sensação de maciez ao pisar na serrapilheira com os pés descalços. Bebe dos olhos d'água. Rebola nos barrancos. Recobre-se de musgos. Vive em pândegas com as cutias. Enfim, saboreia a liberdade proporcionada pela natureza, completo inverso do claustro que experimenta na casca rochosa onde mora, e para a qual deve sempre retornar antes do amanhecer por decreto celestial.

Em raras ocasiões, metido em andanças mais prolongadas, enxerga de longe a urbe com suas luzes artificiais ainda acesas, aguardando os primeiros raios do alvorecer. E lá estão os cidadãos, repousando tranquilos em seus cubículos de pedra, todos cativos em uma arquitetura morta e grosseira.

O Homem da Pedra logo se aborrece, sem entender. "O quão tolos são para proposadamente levarem vidas tão tediosas, abeirados de tão pomposa selva? Morar em uma pedra é bastante enfadonho". Embrenha-se, então, por caminhos não sabidos e some, pensando em nunca mais voltar.

PÉ D'ÁGUA

GABRIEL ALENCAR

Era um verão daqueles bem escaldantes de Roraima. Na maloca, os jovens faziam troça dele:

- Bora! Não é o senhor que sabe a Dança da Chuva?
- Esses curumins não têm mais respeito pelos velhos!

Mas de tanto tirarem graça com ele, resolveu: se é dança que queriam, era o que iriam ter.

Posicionou-se no centro da maloca e começou a entoar os cânticos antigos. Os meninos achando graça, os adultos balançando a cabeça como quem diz: "Imagine se eu em pleno século XXI ainda vou acreditar nessas besteiras!"

Então aconteceu: caiu um toró. Mas não foi qualquer toró. É um daqueles que, se a gente está em casa, corre pra tirar as roupas do varal e torce pra não ter enchente; ou, se estamos no trabalho, coçamos a cabeça e tentamos decifrar como voltaremos pra casa.

- Pois tome!

O velho estava tão surpreso quanto os meninos. Décadas de dança da chuva nunca fizeram nenhuma diferença... mas agora não havia como negar a eficácia!

Choveu aquele dia todo. E no outro. E no outro.

- Sim, não dá pra fazer parar não? - os outros indígenas perguntavam.
- Não me amole - ele se limitava a dizer.

A verdade é que não tinha ideia de que a dança funcionaria e, agora que funcionou, tampouco tinha ideia de como reverter a situação. Ele não sabia nenhuma dança de não-chuva!

Os meses passaram e a maloca virou uma palafita. Trocaram a plantação de mandioca pela pescaria diária. Os jornais do mundo inteiro relatavam a chuva torrencial na Amazônia brasileira. Um noticiário internacional resumiu:

- Pense num toró!

A comunidade, que no começo exaltou os poderes do velho, agora já não aguentava mais.

- Faça alguma coisa!
- Fazer o quê, oras?!
- Faça a dança de novo! Vai que cancela o efeito.

Ele achou a sugestão ridícula, mas considerando o absurdo da situação, não custava nada tentar. Fizeram-lhe uma jangada e ele foi novamente para o centro da maloca. Iniciou

os cânticos e danças. Agora não havia mais dúvida, a dança funcionava mesmo. Não sabia dizer por que só agora, talvez fosse alguma coisa com a posição da Terra, talvez fosse o fato de que ele passou a usar cuecas novas, sei lá. Mas a dança funcionava, porque a chuva aumentou.

– Não!

As pessoas gritavam desesperadas. Foi o maior pega-para-capá. E os tambaquis debaixo d'água comentando:

– Eu te disse que era um bom investimento, Rosana. Olha só como esse imóvel valorizou!

A coisa ganhou outras proporções. Não era mais uma chuva isolada na Amazônia. Enquanto em Roraima era um toró, começou a chover no Saara, no Atacama, estava tudo de cabeça pra baixo. Era preciso fazer alguma coisa, a NASA já estava prestes a mudar o nome do planeta de Terra para "Água".

A liderança da maloca reuniu-se para decidir o que fazer, estava sem condições.

– A gente faz o velho dançar de cabeça pra baixo.

– A gente faz o velho dançar de cabeça pra baixo no centro da aldeia.

– A gente faz o velho dançar de cabeça pra baixo no centro da aldeia, mas debaixo d'água.

Silêncio. Essa sugestão parecia interessante.

– E se não funcionar?

– Aí a gente se muda pro Saara – já não tinham mais nada a perder.

Pegaram o velho e colocaram ele debaixo d'água com as instruções bem claras:

– Dance de cabeça pra baixo e ao contrário!

O velho mergulhou e executou a dança com a perfeição de atletas aquáticos.

Por incrível que pareça funcionou. A chuva parou e inverteu-se. Começou a chover pra cima. Quando o velho emergiu mal podia acreditar no que estava vendo.

– Consegui! Consegui!

O que ele não sabia é que os líderes já haviam se reunido de novo:

– Vamos amarrar ele numa rede e fazer ele subir junto com a água.

– Tá doido? E se ele dançar de novo lá em cima?

Realmente era muito arriscado. Por fim decidiram-se. Quando tudo secou e o clima voltou ao normal, pegaram o velho e amarraram-no na sua rede, onde permanece até hoje sob estrita vigilância. Se chove fora de época, a tribo já cresce o olho pra cima dele, que se limita a dizer:

– Não me amole!

PANDÊMICOS

KÉZIA LIMA

Dia 01

Bloco B, leito 218-2. Três pacientes no quarto, conseqüentemente, três acompanhantes. Pacientes todos do sexo masculino. Há um clima de cordialidade entre as acompanhantes, principalmente em orientar as regras a quem está chegando, no caso, eu.

O leito 218-2 tem suas vantagens e desvantagens: climatização, não pega incidência do sol matinal ou vespertino. Isso é bom, confortável. A desvantagem fica por conta da intimidade construída entre as acompanhantes dos leitos 218- 1 e 218-3. Parecem ser amigas de infância. Chega a ser constrangedor em diversos momentos (levando em conta que estou aqui há menos de 1h, a tendência é constranger ainda mais, rsrs).

Me parece um exercício interessante e lúdico, até, registrar o que ouço: o paciente do leito 218-3, tá muito na merda. Enquanto se internou, a amante dele procurou a esposa para contar que o namora. A esposa que, além de acompanhá-lo, veio pra dar uma humilhada contando repetidamente para os acompanhantes a abordagem da namorada dele com ela. Curioso que ela relata como se ele não estivesse presente. Ele murmura, se remexe. Vez ou outra ela pede que ele desbloqueie o celular para poder ver o que tem, reivindicando sua confiança nela, que se ele confia mesmo ele deveria deixar ela ver. Ele nega o acesso. Acho o argumento dela muito fraco, baixo poder de persuasão.

Enquanto isso, a técnica em enfermagem acaba de entrar. Cada paciente tem a sua técnica, isso é bom. Se aproxima do meu pai, faz algumas perguntas e coloca um antibiótico e uma dose de anticoagulante. Me senti na cena clássica do cinema brasileiro:

- Seu Galvani, o senhor quer na barriga ou no braço?
- No braço.
- Pois vai ser na barriga.

Dia 02

Parei a pouco para observar que meu pai veste a camiseta branca que o presenteei anos atrás. Carrega um aspecto de nova ainda, ou usada pouquíssimas vezes. Me dou conta que é a mesma camiseta que várias vezes o cobre sobre usá-la, porque nunca o via usar e que ele sempre respondia a mesma coisa: tua mãe não me deixa usar. Todos ríamos disso porque constantemente a mamãe revidava a resposta com: claro, você não tem cuidado pra usar branco, suja tudo e vai botar a perder logo.

Mamãe sempre foi muito criteriosa e cuidadosa com a classificação “roupa de sair”. Não havia situação terrena que fizesse furar a essa regra classificatória. Me pego pensando agora qual argumento meu pai usou pra vestir a camiseta branca pra vir ao hospital! Um homem de convencimento até em momentos debilitantes? Pode ser.

la terminar com uma conclusão moral, do tipo: não espere um momento especial para usar aquela roupa bacana, mas, enquanto penso isso, deixei cair dois grãos de feijão na camisa quando lhe servia o almoço. A mamãe estava certa.

Dia (?)

Não tenho apenas um paciente internado. São agora quatro, metade da família hospitalizada. Há dias não escrevo ou registro qualquer movimento porque a sensibilidade para isso anda comprometida. Não sei mais que dia é, o tempo passa relativamente diferente do tempo fora do hospital. O cansaço toma conta do corpo inteiro e, magicamente, ao mesmo tempo, não sei de onde surge a disposição para levantar da cama, dispor um café reforçado e voltar ao hospital para mais 12h de acompanhamento.

Nesse momento me pego pensando no tanto que nos preservamos, nos protegemos e, mesmo assim, não foi o suficiente para não sermos atingidos pela pandemia. Escolhamo mentalmente o presidente... lembro da vacina que não poderei tomar agora, mesmo estando na faixa etária convocada, para não correr o risco de sofrer reações e ter que me ausentar dos cuidados aos internados. Não é uma opção, é prioridade. A missão, mesmo estando no olho do furacão, é não ser contaminada, mais uma pressão psicológica para lidar. A porta da enfermaria se abre e, nesse movimento, adentra o aroma reconfortante da refeição. Pelo cheiro, feijoada! Um prazer em meio ao caos que me aguarda para depois de servir a sopa na boca do meu pai que, por tremores, sequer pode segurar colher ou copo.

A SOCIEDADE DAS ROSAS

RAFAH BLACK

Com mais de 100 tipos de rosas na sociedade, a rosa cor de rosa era o padrão que deveria ser seguido. Ela era a rosa propaganda nas campanhas de adubo, de jardinagem, nos buquês, eram as botânicas mais influentes, e consideradas as mais belas. Estavam presente em todos os outdoors, comerciais, jornais, programas e passarelas.

As demais rosas se pintavam de rosa tentando alcançar a mesma cor, e conseguir um lugar na comunidade. Umas se misturavam bem, outras tinham que arrancar suas pétalas, usar espinhos postiços, e folhas falsas. E algumas, mesmo se pintando ou se modificando com cirurgias perigosas e doloridas, não conseguiam esconder sua verdadeira natureza. Isso ocorria principalmente com as rosas pretas.

A rosa preta, chamada Elewá, era apenas um botão quando percebeu que tinha algo de errado com ela, pois as rosas não se aproximavam no recreio da escola, a olhavam feio no jardim, e nunca era escolhida como parceira.

Quando percebeu que era por sua coloração escura, se fechou, se recusava a florir, pois sabia que se florisse, sua tonalidade iria chamar mais atenção e olhares de desdém. Em noites de devaneios, ela pensava:

- A rosa cor de rosa, é apenas uma rosa, ela é uma rosa de "verdade", tem direito a uma vida plena e feliz, não precisa se pintar, se podar, disfarçar, ela só precisa existir e será bonita e tudo que quiser ser.

Quando suas pétalas se abriram, ela olhou para o espelho, escura como o céu noturno sem lua ou estrelas. Correu a uma loja de jardinagem e comprou a tinta mais rosa que encontrou, e se pintou, mas a sua cor escura não saiu, apenas virou um vermelho vinho. Então decidiu comprar uma tinta branca, pois imaginou que se ao menos clareasse ia ser mais aceita do que se fosse preta, e se tornou cinza. Achou que ser cinza era melhor do que ser preta. Começou a passar despercebida pelas rosas, ninguém a via, ninguém a incomodava com olhares de desdém ou de julgamento, ela era cinza, e ninguém liga para quem não tem cor definida.

O tempo passou e ela continuou se escondendo, passando despercebida no jardim. Ao se olhar no espelho também não se via, não sabia quem era, e aquela não-cor apagou a sua essência, suas pétalas se abriram, mas não floriram. Não se via em si e nem ao seu redor, em todo o lugar tinha só a rosa cor de rosa, nunca tinha visto outra rosa preta, até achou que era a única.

Em um dia qualquer, durante o recreio da escola, foi surpreendida com um balde de água que retirou a tinta branca a deixando exposta, o seu verdadeiro tom tinha sido descoberto, então correu chorando e se escondeu em uma sala abandonada. Iria esperar todos irem embora para poder sair, foi quando olhou para o lado e viu um espelho e nele seu reflexo. Passou tanto tempo cinza, que esqueceu como era sua negritude, se encarou, encarou cada pétala, cada espinho, cada folha. E se assustou quando seu reflexo falou:

- Se reconhece? Ou melhor, nos reconhece? Essa é você sem tinta, sem cinza. Somos belas, né? Não se esconda, não esqueça que seu nome é Elewá, "a mais bela", você não é feia ou insuficiente apenas por ser diferente, a sua diferença demonstra a grandeza de uma linhagem rara, somos muito mais do que essa sociedade.

Elewá sorriu, ela finalmente tinha se visto, visto seu EU real, ela floriu. Suas pétalas desabrocharam negras e grandes, lembravam a escuridão e a imensidão do universo. Se sentiu uma "Rosa de verdade" pela primeira vez, e jurou nunca mais se tornar cinza.

TONINHO

SÂMIA KAPON

Quando Toninho nasceu era manhã de domingo e pássaros cantavam no quintal de Hilda. É daí que vem a minha teoria de que eles conversavam, Toninho e os pássaros. Isso porque ontem sábias, bem-te-vis e araras cantaram. O som do ontem sempre é presente.

Pois bem, de minha memória inventada, lembro da primeira vez que vi Toninho e ele tinha

exatamente cara de Toninho. Todo trabalhado no diminutivo carinho e com olhos curiosos por descobrir tudo ao redor. Toninho tinha sido tão esperado e desejado que resolveu nascer como uma previsão de Alceu.

Depois vieram outros domingos com pássaros e vento no quintal e cada dia que passava Toninho descobria o mundo e se encantava pela terra. Lembro quando olhei pela cerca que separava nosso quintal e lá estava ele com o rosto e as mãos sujas, sorrindo e brincando de plantar enquanto conversava com gatos em busca de comida. Ele nem tinha tamanho, mas me diga pra quê o tamanho serve? Ele tinha

vontade e uma curiosidade só permitida às crianças.

Quando fez 4 anos já tinha seu kit de jardinagem. Colher, tesoura e o instrumento mais importante pra ele: suas mãozinhas. Os dias passeavam e eu observava Toninho, que brincava o tempo todo naquele quintal sem fim. Dizia que era amigo dos bichos e das plantas. Contava histórias pro pé de ingá, cantava pro cajueiro e me presenteava com azulzinhas. Gostava de histórias e, por duas vezes, o vi sentado escondido atrás da primavera me ouvindo ler em voz alta.

Uma tarde quando Hilda atravessou a cerca e foi comer pão lá em casa, ele me contou que seu Manoel, da venda da esquina, marido da Raimunda, tinha ensinado a fazer feijão crescer. Todo animado por parecer inteligente, foi logo perguntando se eu tinha feijão e algodão que ele iria me ensinar. No fim daquela tarde me disse que quando ele crescesse, ele mesmo escreveria uma história sobre o pé de feijão e que queria que eu lesse em voz alta pra as árvores do quintal e para os urubus que apareciam perto da chuva.

No outro dia, Hilda me contou que antes de dormir ele perguntou porque tinha tanta fome na terra se era tão fácil "fazer" feijão e antes que ela pudesse pensar em como responder isso à uma criança, ele lhe disse que não importava, porque iria fazer feijão pra todas as pessoas do mundo. Não entendia a fome, se tudo era tão simples, porque os gran-

des complicam tanto? Pensou nisso por 429 dias consecutivos, até ontem.

Toninho andava pela vizinhança coletando potes e feijões e, ao mesmo tempo, distribuindo mudinhas e contando como o velho Manoel ensinou ele a fazer feijões e que agora ele acabaria com a fome de todo mundo. Hilda já não aguentava mais tantos brotos espalhados pela casa e eu pensava que devia ser maravilhosamente doloroso uma criança sentir o peso do mundo em ombros tão pequenos, em um corpo tão franzino.

Mas daí, os dias mudaram como de inverno pra verão. Pessoas começaram a morrer, precisavam se isolar, só o que diziam era que tinha um vírus no ar. Toninho não entendia sobre a morte (quem é que a entende?). Hilda o proibiu de ir à rua, não podia mais sair pra distribuir suas mudinhas. De tudo isso ficou triste, pensava que ainda tinha muitas mudas pra distribuir, afinal ele ouviu falar de fome, de dor, de morte. Os olhos de Toninho diziam que todo carinho do mundo caberia em um abraço ou uma mudinha de feijão.

Toninho ficou mais triste e mais triste e triste. A tristeza também é doença. Dizia que o ombro pesava, o coração doía e a vista atrapaiava. A dor do mundo pesava em seus ombros pequenos, sangrava e lhe tirava o ar. Ontem perguntou à Hilda se ela achava que era possível distribuir algumas mudinhas no céu e foi. Foi antes de ver tantas dores possíveis ao mundo, um sofrer poupado pelo destino aos olhos do menino. Ontem sábias, bem-te-vis e araras cantaram e esse som sempre será presente. Hoje Antônio planta nos céus e, apostado, continua conversando com os passarinhos.

Para Devair Fiorotti, in memoriam

O APÓCRIFO DE ADÃO

VÍTOR PLÁCIDO

O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam.
Gênesis 2:25

Dentro daquele ambiente severo, antigo e ruidoso, preparei a minha cama de pecados. Amontoei a terra, cobrindo as raízes expostas das antigas mangueiras; penetrei minhas mãos no solo, tentando resgatar vibrações de uma vida anterior, e cobri-me com uma manta de relva, um cobertor de folhas secas. Porque sou pó, e ao pó hei de retornar. Esperaria eras para ser devorado pelo mundo, para ver minha carne subverter-se em desmemória. Estava lúcido, lúcido como uma abelha que enxerga em um círculo o tempo e a lógica: toda a extensão da sua história, toda a força de seu propósito.

Quão ensurdecedor era o silêncio que resgatava os lamentos de minhas heresias. Eu estava ali: olhando de soslaio para a face do monstro refletido em meu rosto as margens d'água. Em meu leito primitivo eu sentia o fúnebre som de sua voz invadindo meus ouvidos, e seus dedos sem pulsação tocarem minha face lívida.

Entre as árvores ela dançava. Aquela agri-doce lembrança. Uma memória enterrada. Nas noites ela rodopiava, esgueirava-se por entre as sombras, ria e se contorcia. Os nós de seus dedos enrijeciam, seu tronco arqueava e seus olhos reviraram-se revestidos em transe. Aquele ritual envolto em paganismo findava-se com um riso que feria-me o peito, ou por vezes, em um leve vagido que ecoava pela neblina soturna. A lascívia de sua carne, a santimônia de seu rosto, nossos pecados tão vivos, tão pulsantes, tão distantes, aproximavam-se de mim transfigurados sob a forma de animais que andam de rastos sobre o próprio ventre.

Tentava ressuscitar-me, aquele fantasma. Logo ela: a que cavara a terra com as mãos. Adormeço, entorpecido, e sinto a brisa cálida da aridez das savanas, e o barulho das ondas quebrando em minhas miragens mediterrâneas, sinto suas mãos retirando-me a pele e pondo-a para secar na varanda, e eu, apóstata que sou, transgredia o sangue e os músculos; a fé e a castidade. Na senda estreita de sua púbis, enveredando-me, encontrei, no âmago de sua carne, a árvore que nos era vedada. Ergo meus braços para apanhar o fruto, e o devoro (até o sumo).

O figo entre as suas pernas, a vulva cardíaca, o jardim no qual semeamos a nossa desgraça, nosso pecado original, nossa ruptura. O quarto frio, o corpo trêmulo, a alma abandonando-a pelo poros, o beco, a noite sedenta nos cercando como um predador faminto. Nossa cidade, nossa memória.

Os escombros de uma cidade.

Os fantasmas de nossas memórias.

Naquele instante no passado, reverencio-a, despedindo-me; ela retribui. Meus olhos, tão devotos, dizem adeus. Foi assim que a seiva de seus lábios transbordaram o meu corpo de febre pela última vez; foi assim que enterrei-a em nosso jardim, nosso jardim de silêncio; foi assim que cobri seu corpo com a terra: como quem molda o mundo em sete dias, como quem varre dos anais do universo a existência humana, como quem castiga o filho para depois transcendê-lo, como quem não pode morrer (pois morrer não é possível), como quem vive em solidão eterna (pois tem medo de mostrar a face).

A fervura de meu sangue não era suficiente para reanimar os fantasmas daquele deserto. As liturgias entoadas pelo tempo me forçaram a trancafiar-me pelo lado de fora. O mundo era mais vil, mais brutal, mais perecível do lado de fora.

Havia um pequeno buraco no chão, aproximei minha boca e blasfemei contra os deuses que exigem uma vida casta. Oh meu pé de pecado, quantas chances fossem dadas à mim, seriam tantas as vezes que eu devoraria teu fruto.

Mas era tarde.

Muito tarde. Nós dois não passávamos de vultos do que um dia existiu. A fratura exposta de minhas costelas, a concupiscência que atravessava a cútis da história (a minha e a tua) não afligia-me. Nutria-me, em cada passo e em cada lembrança. Edificamos aqui, neste jardim, o nosso pecado como herança.

BANHO DE CHUVA, INCERTEZAS E CHOCOLATE QUENTE

ZANNY ADAIRALBA

Naquela madrugada fria, ela seguiu sem ter mesmo vontade de chegar a qualquer lugar. Caminhou por calçadas de nuvens que beiravam oceanos e onde dançavam, sementes, estrelas embriagadas.

Recolheu, ao passar, algumas costas de sóis moribundos que boiavam nas poças deixadas pela última chuva de certezas que caíra. E percebeu que a calçada fora feita de uma eternidade efêmera, infinitamente curta e nostálgica.

Banho de chuva e chocolate quente, pensava. Eram esses seus maiores prazeres. O motivo pelo qual ainda guardava no riso alguns fragmentos de infância. E enquanto caminhava, perguntava-se se não seria este o motivo pelo qual iniciara tão compulsiva andança.

- O jornal anunciou que choveria!

De repente lembrou de uma bússola quebrada se arrastando em avesso contínuo, guardada no bolso.

- Que minutos já deixaram de ser? – Perguntou enquanto sentava na esperança de enganar o destino.

- Quem sabe, as horas se perdem de si e esquecem a marcha insuportável dos ponteiros?!...

“Banho de chuva e chocolate quente” dizia o anúncio na placa deixada pelas lembranças das aventuras infantis. E a duas fumaças de distância dali, entre o ponto fixo da racionalidade e a linha que separa o homem de suas incertezas, examinou a direção do vento e depois seguiu.

Entrou numa loja de conveniências e pagou sua bebida com esperanças encontradas

CONTINUA NA PRÓXIMA PAGINA

nos traços das mãos. Saiu sem se importar com o troco. Sorriu. Não era tempo para se preocupar com acúmulos.

Sentou-se à beira do trilho e enquanto bebia o chocolate quente, pensou que a vida não era assim tão complicada. Complicado mesmo era conviver com a incerteza da sorte, depois do sopro de mortes anunciadas. Porque morrer... Morrer, morre-se mesmo um pouco a cada dia. De tristeza, solidão, cansaço, desilusão...

Mas... Ouvir as vozes das sepulturas quando se precipitam e desfalecem de tanto cansaço é obrigar-se a fazer a somatória do eu a aguardar nos trilhos da sorte que tudo passe.

- Bom... Que nada passe por aqui! – Resmungou.

Ainda sentada, retirou as sandálias de ensaios, espinhos e pele já desgastadas pelo uso constante da vida; esticou as pernas, pousando um pé sobre o outro e ficou ali, esperando que nada de mal aconteça.

- Agora, só faltava chover!



NA TERRA DOS INGARIKÓS

ALEJANDRO TUBAL GARCIA & LUCIANO N. NAKA

As terras dos Ingarikó estão entre os territórios mais remotos e inacessíveis do mundo ao longo das fronteiras do Brasil, Venezuela e Guiana. Encobertos pelas montanhas mais altas da bacia amazônica, os tepuis, os Ingarikó vivem em uma terra intocada de beleza estonteante. Por séculos, suas terras permaneceram praticamente inacessíveis e, portanto, protegidas do desenvolvimento e do uso principal da terra.

Hoje, o Parque Nacional e a Terra Indígena se sobrepõem amplamente, criando a necessidade de órgãos ambientais e lideranças indígenas trabalharem em conjunto para garantir a proteção dessas terras, da cultura Ingarikó e da biodiversidade que essa região contém. No final de 2019, um grupo de cientistas e índios Ingarikó, realizou uma expedição conjunta para explorar as maravilhas naturais da Serra do Sol, a própria montanha que dá o nome às terras indígenas.

Com esse objetivo, 38 cientistas, de 9 instituições de pesquisa diferentes, juntaram-se a um grupo de 37 moradores Ingarikó para explorar a biodiversidade da região. Os cientistas incluíam plantas, insetos, peixes, anfíbios, répteis, pássaros e especialistas em mamíferos, estavam equipados com equipamentos tradicionais para coletar, documentar e observar a vida selvagem, mas também armados com os mais modernos aparelhos tecnológicos, incluindo GPS, drones, câmera armadilhas e dispositivos de gravação autônomos.

Essa expedição evidenciou os interesses conjuntos entre ambientalistas e as populações indígenas, e seu sucesso foi baseado no respeito, na confiança e na confiança mútua.



UMA FORÇA EXTRAORDINÁRIA

AMANDINE GOISBAULT

Dois corações pulsando em um só corpo. Uma metamorfose acontecendo no escuro. Jéssica dança com a água, a terra, o fogo e o ar. De repente, uma força extraordinária abre passagem para a nova vida e o mundo torna a começar. Luz, sombra, fragilidade e força.



ADEUS, QUERIDO MANDÍ

BRUNO VILLELA

"Adeus, querido Mandí" é uma animação em curta-metragem que dialoga histórias da Cosmologia do Alto Rio Negro com o conhecido mito japonês de Urashima Tarô. A trama parte de Mandí, um pescador do povo Manaós, que vive na Manaus de 1723, no auge da guerra liderada por Ajuricaba. Mandí e sua família são explorados pelos soldados do Forte de São José da Barra do Rio Negro que ficam com parte da sua roça e pesca. Certo dia, Mandí salva uma imensa tracajá que ficou presa em uma de suas armadilhas de pesca. Em gratidão, ela convida Mandí para a festa das rãs, que acontecerá no mundo subaquático do Rio Negro. Gravado inteiramente no idioma Baniwa, o mais próximo do falado pelos antigos Manaós, "Adeus, querido Mandí" foi produzido pela Rizoma Audiovisual, co-produzido pela Cambará Filmes e animado pela Lightstar Studios.



APNEIA

CAROL SAKURA & WALKIR FERNANDES

Muriel não sabia nadar, tinha tanto medo. Um medo que ecoava a distância de sua mãe e trazia à tona os pavores e monstros da infância. Mergulhada em si mesma, ela busca agora a voz e o ar que sempre lhe faltou como menina e mulher.



MIKE

CLÁUDIO LAVÔR

"MIKE", narrado em primeira pessoa por Marcos Alessandro Edwards, nascido em Georgetown, República Cooperativa da Guiana, é um autorretrato íntimo de um artista, hoje naturalizado brasileiro e residindo em Boa Vista, que lembra, através de uma imersão na sua memória e na sua arte musical, os momentos que marcaram e provocaram mudanças singulares em sua vida: a do imigrante que conseguiu reconhecimento com sua arte musical, surgindo então, o cantor e compositor de reggae Mike Guy-Bras.



BALIZANDO 2 DE JULHO

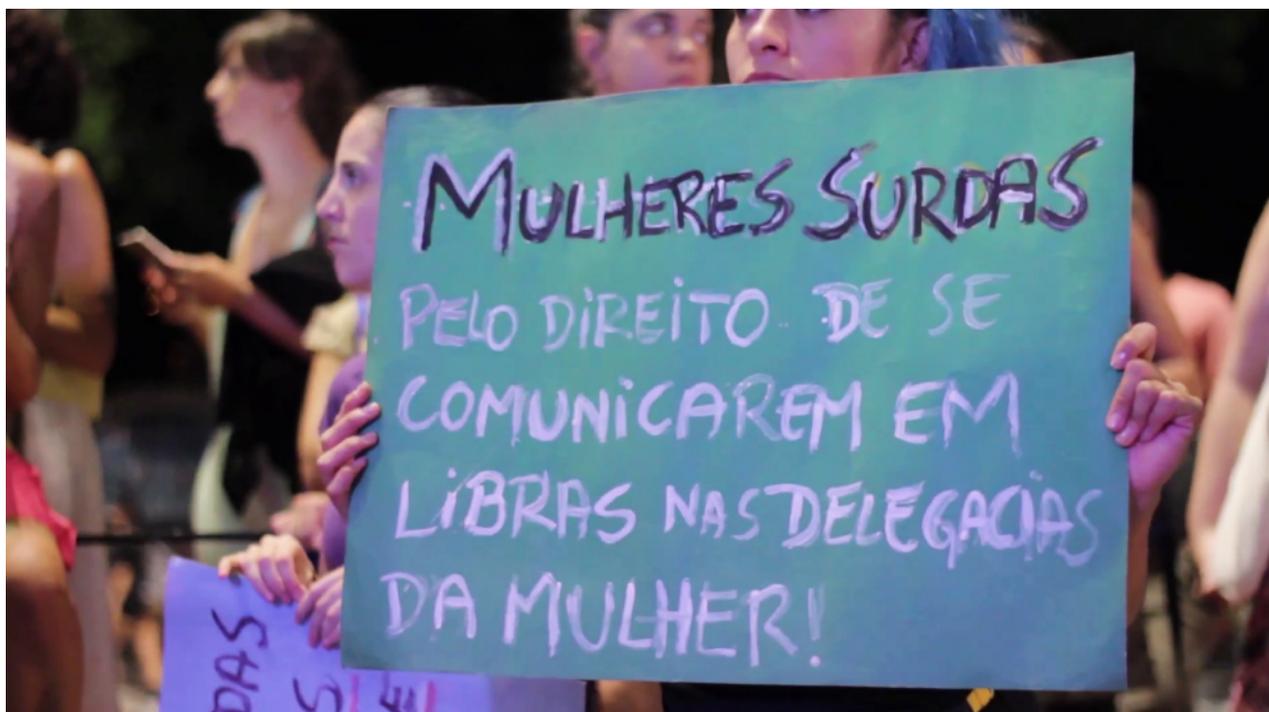
FABÍOLA AQUINO E MARCIO LIMA

O documentário acompanha a participação de membros da comunidade LGBTQI+ no desfile cívico do 2 de Julho, ora concentrando suas lentes na atuação das balizas e balizadores, ora com o público que prestigia o momento. Há mais de 18 anos eles se reúnem na região da Av. 7 de Setembro, em Salvador, e vibram com as performances das balizas, formando assim o "Território da Fechação" e também lugar de manifestações em prol do Combate à Homofobia e Transfobia.



RETRATO DO ARTISTA QUANDO COISA FILIPI SILVEIRA E LARISSA NEVES

Difícil "sinopsar" Manoel de Barros, o que nos resta é sentir sua poesia brincante.



SEREMOS OUVIDAS

LARISSA NEPOMUCENO

Como existir em uma estrutura sexista e ouvinte? Gabriela, Celma e Klicia, três mulheres surdas com realidade diferentes, compartilham suas lutas e trajetórias no movimento feminista surdo.



CONSTRUÇÃO

LEONARDO DA ROSA

Após ser despejada de sua casa Andréia volta anos depois para a comunidade da Getúlio Vargas com seus filhos Augusto, Gustavo e Bruno.



SAUDADES MINHAS

LEVI MATOS

Uma moça (dina) em sua casa percebe algo estranho em uma boneca de herança da família. Essa boneca esconde um passado, será que Dina irá se livrar da maldição que a rodeia?



TRÊS GRAÇAS

LUANA LAUX

Numa fazenda no interior do Brasil que abriga uma antiga Casa-Grande e uma fábrica de cachaça, três irmãs vivem uma ciranda do destino: pedem a Virgem maria a graça para um desejo que, ironicamente, é a outra quem realiza.



SER FELIZ NO VÃO

LUCAS H. ROSSI DOS SANTOS

Um ensaio preto sobre trens, praias e ocupação de espaço.



AVÔA

LUCAS MENDES

Usando dos arquivos pessoais da família Ribeiro, em especial do meu avô Erculano, a obra busca traçar um caminho de provocação político afetiva, para se refletir de como a relação de dois homens negros de diferentes idades, na mesma família, podem levar a reflexão de assuntos como racismo estrutural e masculinidades negras. Meu avô, um senhor negro de 90 anos, que não sabe ler nem escrever, executou serviço braçal a vida toda garantindo o sustento da nossa família que migra do norte do país para Goiânia nos anos 80 para tentar ter uma vida melhor. Eu, um jovem negro, gay, advindo de comunidade carente, que consegue adentrar em espaços de construção de conhecimento como a universidade entre outros e passa a trabalhar com a estética, imagem e o cinema. Cinema esse que uso aqui como uma ferramenta política para levantarmos debates cada vez mais urgentes na atual conjuntura social.

A obra é um Filme de arquivo, pois todo o material faz parte do acervo pessoal retiradas de fitas VHS encontradas depois de muitos anos e de vídeos compartilhados ainda hoje no grupo do WhatsApp da família. O filme foi roteirizado, produzido e montado por mim (Lucas Mendes). Com o objetivo de continuar produzindo mesmo em tempos de pandemia, com as possibilidades que tinha em mãos.



EIS A MORTE

PABLO FELIPPE

"Eis a morte" é a representação cinematográfica da poesia homônima de Eliza Menezes. Neste curta, almas penadas, interpretadas por Francisco Alves, Anderson Nascimento e a própria Eliza Menezes, vagam pelo desconhecido ainda tentando entender o seu encontro com o único mal irremediável: a morte.

ARTE NO COMBATE E PREVENÇÃO ÀS VIOLÊNCIAS
SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES



HISTÓRIA DE MARIAS

PATRÍCIA TORRES

A dramaturgia é costura por muitas vozes das nossas crianças MariaS. Maria, foi (é) abandonada pelo pai. Maria foi (é) abandonada pela mãe. Maria foi (é) violentada pelo namorado da avó. Maria, foi (é) abusada pelo tio. Maria tinha (tem) um segredo sufocado. Maria, sonhou (sonha) em morar no céu. Maria, desenhou (desenha) seu braço com instrumento afiado, tentando cortar as violências marcadas em seu corpo e alma. E a mãe da Maria? As mães das MariaS? Também viveu (vivi) as violências. Maria! MariaS caíram em nossa rede de proteção acolhidas por professoras, juízas, psicólogas que pisam o chão da escola com o projeto EU TENHO VOZ



1ª MOSTRA /
PICUÁ
DE CINEMA
E LITERATURA

REALIZAÇÃO:



CORREALIZAÇÃO:



APOIO:



PATROCÍNIO:



SECRETARIA DE
CULTURA



GOVERNO
DE RORAIMA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

